

## A untura de Jesus por Maria (Jo 12,3)

### The anointment of Jesus by Mary (Jo 12.3)

*Francisca Antonia de Farias Grenzer\**

*Matthias Grenzer\*\**

---

**Resumo:** O Evangelho segundo João narra como “Maria, tendo tomado uma libra de perfume de nardo puro e muito caro, perfumou os pés de Jesus e, com seus cabelos, enxugou os pés dele”, sendo que “a casa ficou repleta do odor do perfume” (Jo 12,3). Alguns detalhes dessa ação, realizada pela irmã de Lázaro em Betânia chamam a atenção do ouvinte-leitor. Por que Maria usa uma quantidade tão grande de perfume, sendo que se trata de uma essência extremamente cara? E por que Maria perfuma justamente os pés de Jesus? Mais ainda, por que, após a untura, Maria enxuga os pés de Jesus com seus cabelos? Usar o perfume para depois recolher parte dele, aparentemente, não faz sentido. O estudo aqui apresentado procura compreender esses elementos da narrativa joanina, valorizando, sobretudo, o contexto literário e histórico-cultural do Evangelho segundo João.

**Palavras-chave:** Evangelho segundo João, nardo, untura, pés, cabelos.

**Abstract:** The Gospel of John tells how “Mary took a pound of a very expensive and pure perfume of nard, anointed Jesus’ feet, and

---

\* Graduanda na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa LIJO (Literatura Joanina). O estudo foi apresentado como *Comunicação* no II Simpósio Internacional de Teologia organizado pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP, no dia 17 de agosto de 2016.

\*\* Doutor em Teologia Bíblica e Mestre em História. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) e membro do Grupo de Pesquisa LIJO.

wiped his feet with her hair”, and “the house was filled with the scent of the perfume”(Jn 12,3). Some details of this action carried out by Lazarus’s sister in Bethany calls the attention of the listener-reader. Why does Mary use such a large amount of perfume since it is an extremely expensive scent? And why does Mary perfume, specifically, the feet of Jesus? Moreover, why Mary wipes Jesus’ feet with her hair after anoint them? In addition, apparently, use the perfume and then remove part of it makes no sense. The study presented here seeks to understand these elements of the Johannine narrative, emphasizing the literary and historical-cultural context of the Gospel of John.

**Keywords:** Gospel of John, nard, anointment, feet, hair.

## Introdução

*Essências e perfumes*, assim como os *aromas* ou *odores* produzidos por eles, acompanham o homem desde os inícios da civilização. Os frascos de perfume, a iconografia e os textos de diversas antigas culturas – Egito, Israel, Grécia, Roma, judaísmo tardio – documentam isso de forma ampla.<sup>1</sup> Além disso, aquilo que é perceptível ao olfato ganha, em diversos momentos, conotações religiosas. Vale a pena lembrar, por exemplo, os *incensos*, os *odores dos sacrifícios*, as *unções* ou os *embalsamentos* no preparo de um morto para seu sepultamento.

De acordo com as narrativas dos Evangelhos canônicos, Jesus de Nazaré também teve contato com essências aromáticas, o que pode ser comprovado nas cenas em que ele é presenteado com *mirra* e *incenso* (Mt 2,11), perfumado com *nardo* (Mc 14,3; Jo 12,3) ou um *perfume* com essência não identificada (Mt 26,7; Lc 7,37-38), e preparado para seu sepultamento com *mirra* e *aloés* (Jo 19,39-40). Por

ter tido *untada* (Mc 14,8; Lc 7,38.46; Jo 12,3) sua *cabeça* (Mc 14,3; Mt 26,7), seus *pés* (Lc 7,38.46; Jo 12,3) ou seu *corpo* (Mt 26,12), Jesus experimentou o *odor* agradável de essências caras (Jo 12,3).

Nesta Comunicação, a atenção recai sobre a untura de Jesus por Maria em Betânia, de acordo com as duas frases que compõem o terceiro versículo na narrativa de Jo 12,1-8. Diversos elementos nelas presentes parecem ganhar abrangentes conotações simbólicas, aparentemente, com o intuito de surpreender o ouvinte-leitor em sua reflexão teológica sobre Jesus. Para começar a análise, será primeiramente apresentado o texto bíblico em questão, dando-se especial atenção à sua configuração literária.

## Texto e estrutura literária

A fim de favorecer a compreensão de Jo 12,3, o texto grego e sua tradução para o português são reescritos de forma sequenciada. No caso do texto grego, os editores da edição crítica de *The Greek New Testament* não apresentam nenhuma variante ao v. 3, sendo que os antigos manuscritos gregos e as antigas traduções contêm o mesmo texto.<sup>2</sup>

|   |    |   |
|---|----|---|
| Ἡ οὖν Μαριάμ λαβοῦσα λίτραν μύρου νάρδου πιστικῆς πολυτίμου | 3a | Então, Maria, tendo tomado uma libra de perfume de nardo puro e muito caro, |
| ἤλειψεν τοὺς πόδας τοῦ Ἰησοῦ                                | 3b | untou os pés de Jesus   |
| καὶ ἐξέμαξεν ταῖς θριξίν αὐτῆς τοὺς πόδας αὐτοῦ·            | 3c | e, com seus cabelos, enxugou os pés dele.                                   |
| ἡ δὲ οἰκία ἐπληρώθη ἐκ τῆς ὀσμῆς τοῦ μύρου                  | 3d | E a casa ficou repleta do odor do perfume.                                  |

<sup>1</sup> Cf. Joachim KÜGLER. *Die Macht der Nase. Zur religiösen Bedeutung des Duftes. Religionsgeschichte – Bibel – Liturgie.* Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2000.

<sup>2</sup> Cf. INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT TEXTUAL RESEARCH. *The Greek New Testament.* Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 52014.

Maria, irmã de Lázaro e Marta, ganha realce no início do versículo, sendo introduzida, neste momento, na narrativa de Jo 12,1-8. Contudo, para o ouvinte-leitor do Evangelho segundo João, ela já é bem conhecida. Maria foi mencionada por oito vezes na cena da ressuscitação de Lázaro (Jo 11,1.2.19.20.28.31.32.45). Mais ainda: de forma antecipada, ela já foi apresentada como quem “untou o Senhor com perfume e, com seus cabelos, enxugou os pés dele” (Jo 11,2), ainda que tal história seja narrada apenas depois (Jo 12,3).

Maria executa três ações:

“Tendo tomado (particípio aoristo, que representa anterioridade à ação principal) uma libra de perfume de nardo puro e muito caro” (v. 3a),

“Untou (aoristo ativo, que apresenta uma ação concluída no passado) os pés de Jesus” (v. 3b)

“e, com seus cabelos, enxugou (aoristo ativo) os pés dele” (v. 3c).

Ou seja, Maria é o sujeito atuante, concentrando-se nela uma sequência de ações. No final do versículo, o sujeito muda. No entanto, com o verbo na voz passiva, percebe-se que aquilo que acontece ainda é consequência da ação de Maria. “A casa ficou repleta do odor do perfume” (v. 3d) porque Maria “untara os pés de Jesus” (v. 3b) com uma quantia muito grande de “nardo” (v. 3a).

Ao observar objetos e complementos, aparece uma sequência de elementos em forma de quiasmo ou palíndromo. Cinco termos são apresentados no ritmo de A-B-C-B'-A': “perfume” (v. 3a) – “pés” (v. 3b) – “cabelos” – (v. 3c) – “pés” (v. 3c) – “perfume” (v. 3d). Com isso, literariamente realçado pela estrutura concêntrica, o “perfume”, o qual ainda ganha maior destaque pela presença dos termos “libra” (v. 3a), “nardo” (v. 3a) e “odor” (v. 3d), assume centralidade na narrativa. Além disso, os “pés” de Jesus (v. 3b.c) e os “cabelos” de Maria (v. 3c), por estarem em contato com o “perfume”, chamam a atenção do ouvinte-leitor.

## O nardo

A essência do “nardo” (v. 3a) somente aparece duas vezes no Novo Testamento. Além do texto joanino, a narrativa paralela no Evangelho segundo Marcos conta que “em Betânia, na casa de Simão, o leproso, veio uma mulher” que, “tendo um frasco de perfume de nardo puro e caríssimo, quebrou tal frasco e derramou” seu conteúdo “sobre a cabeça” de Jesus (Mc 14,3).<sup>3</sup> Na Bíblia Hebraica (נָרְדוּ) e na Septuaginta (νάρδος), a essência do “nardo” somente figura, por três vezes, no Cântico dos Cânticos (Ct 1,12; 4,13.14).

O nardo é “um óleo aromático extraído de uma planta chamada nardo”.<sup>4</sup> Suas “folhas e o talo curto têm pelugem densa, os cachos de flores são pequenos. Todas as partes contêm um óleo aromático essencial, sobretudo as raízes”.<sup>5</sup> O adjetivo aqui traduzido como “puro” (v. 3a: πιστικῆς, cf. também Mc 14,3) indica, provavelmente, a genuinidade ou autenticidade e, com isso, a qualidade do perfume, uma vez “que o nardo, devido a seu custo elevado, era frequentemente adulterado”.<sup>6</sup>

Contudo, na narrativa de Jo 12,1-8, o preço do “nardo” é duplamente realçado. Além de o primeiro adjetivo realçar a “pureza” e a genuinidade do perfume, um segundo adjetivo (v. 3a: πολυτίμου) destaca que o unto era “precioso” ou “muito caro”, semelhante a uma “pérola de grande valor” (Mt 13,46) ou ao “ouro caríssimo” (1Pd 1,7).

<sup>3</sup> Cf. Francisca Antonia de Farias GRENZER; Matthias GRENZER. O rompimento do frasco (Mc 14,3). In: *Revista de Cultura Teológica*, n. 86, p. 279-290, 2015.

<sup>4</sup> Johannes LOUW; Eugene NIDA. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 72 (verbo 6.210).

<sup>5</sup> Michael ZOHARY. *Pflanzen in der Bibel*. Stuttgart: Calwer, 21986, p. 205.

<sup>6</sup> Cláudio Vianney MALZONI. *Jesus em Betânia (Mc 14,3-9): um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 39-40. Malzoni menciona a possibilidade de que o adjetivo “puro” (πιστικῆς) seja uma transliteração do termo aramaico PYSTQ', que, “tanto no Talmud Babilonense quanto no Talmud Palestinese”, indica “um líquido extraído do pistache, um solvente para perfumes, ele mesmo sem odor, mas com grande propriedade para reter o odor dos outros ingredientes” [MALZONI, *Jesus em Betânia* (Mc 14,3-9), p. 39].

Mais ainda, importado da Índia, o “nardo” é avaliado em “trezentos denários” (Jo 12,5; Mc 14,5), o que é “muito dinheiro” (Mt 26,9). “Se um denário era o salário comum de um diarista” (Mt 20,9-10.13), Maria, “então, gasta mais do que, comumente, seria o rendimento anual” de uma pessoa.<sup>7</sup> Em vista dessas informações oferecidas pela própria narrativa bíblica, tem-se a impressão de que Maria esteja untando Jesus com um perfume não adulterado.

Igualmente surpreende a quantia usada. Maria gasta “uma libra de perfume de nardo” (v. 3a), o que novamente “significa uma fortuna”.<sup>8</sup> Trata-se de uma medida romana. Uma “libra” (λίτρον) corresponde, aproximadamente, a 326 gramas.<sup>9</sup> Essa medida somente aparece mais uma vez no Novo Testamento. Nicodemos, pois, traz “cem libras de uma mistura de mirra e aloés” para, junto com José de Arimateia, “envolver o corpo de Jesus, com os bálsamos, em panos de linho”, e assim “sepultá-lo” de acordo com “os costumes dos judeus” (Jo 19,39-40). Nos dois casos, Maria e Nicodemos insistem em quantias de essências aromáticas com conotações simbólico-teológicas, sendo que estas fazem o ouvinte-leitor imaginar o valor incalculável de Jesus.

Também a essência do “nardo” (v. 3a) e o “odor do perfume” (v. 3d) trazem consigo um sentido mais profundo. Observando, pois, os paralelismos entre o que se lê nos poemas do Cântico dos Cânticos e o que é narrado em Jo 12,3, ora se descobre “um contato no nível do vocabulário”, ora “uma situação análoga” em vista da cena do “banquete”.<sup>10</sup> No primeiro poema do livro sapiencial do Antigo Testamento (Ct 1,2-4), a amada se diz atraída pelo “perfume” do

amado, pois o “nome” dele seria como um “perfume derramado” que é “bom para o olfato” (Ct 1,3). Mais tarde, no quarto poema (Ct 1,9-14), a amada afirma que, “até onde estiver o rei no banquete, meu nardo dá seu odor” (Ct 1,12). Quer dizer, no Cântico dos Cânticos, “perfume”, “nardo”, “olfato” e “odor” levam o ouvinte-leitor a refletir sobre a relação amorosa entre o amado e a amada. Prevalecem as impressões da ternura e da vontade de atrair a atenção do outro. Mais ainda, a experiência de cheirar o perfume do outro parece ser uma oportunidade de abrir-se ao mistério de uma proximidade e comunhão inefáveis.

Também em Betânia, Maria e Jesus estão em comunhão pelo “odor” de um “perfume”. O “nardo” com o qual Maria “unta os pés de Jesus” (v. 3b) fica também nela, uma vez que ela “enxuga os pés dele com seus cabelos” (v. 3c). Embora “toda a casa tenha ficado repleta do odor do perfume” (v. 3d) e, portanto, todos os participantes do “banquete” tenham percebido a fragrância do “nardo”, Jesus e Maria estão unidos de forma extraordinária. Ocorre, de forma direta, uma “participação de Maria no que se refere ao cheiro de Jesus”.<sup>11</sup>

O que, por sua vez, o “odor do perfume” representa exatamente? À primeira vista, parece ser até paradoxal ou contraditório que Maria, primeiramente, coloque o “nardo” nos “pés” de Jesus para, depois, transferi-lo, ao menos em parte, para “seus cabelos”. No entanto, antes de responder a essa questão, é preciso analisar as conotações simbólico-teológicas de “pés” e “cabelos”.

## Os pés de Jesus

Em diversos momentos, os Evangelhos narram como alguém se abaixa aos pés de Jesus. As multidões na Galileia, por exemplo, “colocam coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros aos pés de Jesus, para que ele os cure” (Mt 15,30). Semelhantemente, “Jairo, um

<sup>11</sup> Joachim KÜGLER. *Die Macht der Nase*, p. 169.

<sup>7</sup> Ludger SCHENKE. *Das Markusevangelium*. Literarische Eigenart – Text und Kommentierung. Stuttgart: Kohlhammer, 2005, p. 313.

<sup>8</sup> Johannes BEUTLER. *Das Johannesevangelium*. Kommentar. Freiburg: Herder, 2013, p. 348.

<sup>9</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo, Paulus, 2011, p. 2192.

<sup>10</sup> Nuria CALDUCH-Benages. *El perfume del Evangelio*. Jesús se encuentra con las mujeres. Estella (Navarra), España: Verbo Divino, 2010, p. 118.

dos chefes da sinagoga, se prostra” ou “cai aos pés” de Jesus, para lhe pedir a “cura de sua filha” (Mc 5,22; Lc 8,41), como também a mulher grega, siro-fenícia de Tiro, o faz (Mc 7,25). Maria, por sua vez, “cai aos pés de Jesus” para se lamentar, pois, em razão da ausência de Jesus, não houve a cura de seu irmão Lázaro, morto havia quatro dias (Jo 11,32). Como gesto de agradecimento, um samaritano, após sua cura, “prostra-se, com o rosto por terra, aos pés de Jesus” (Lc 17,16). Outro exemplo também é o geraseno, o qual “senta aos pés” de Jesus após os espíritos imundos terem saído dele (Lc 8,35). No mais, Maria, irmã de Marta, “senta aos pés do Senhor para ouvir a palavra dele” (Lc 10,39). E Maria de Mágdala e a outra Maria “se prostram diante” de Jesus ressuscitado, “abraçando os pés dele”, aparentemente como gesto de fé e adoração (Mt 28,9). Enfim, diversos personagens se abaixam aos pés de Jesus em vista de seus pedidos, sua gratidão, sua vontade de escutá-lo ou por reconhecê-lo como salvador.

Contudo, há duas cenas nas quais mulheres oferecem um carinho especial aos pés de Jesus. O Evangelho segundo Lucas narra como uma mulher, com fama de pecadora, “se coloca aos pés” de Jesus e “os unta com perfume”, justamente após tê-los “molhado com suas lágrimas, secado com seus cabelos e beijado” (Lc 7,38<sup>3x</sup>.44<sup>2x</sup>.45.46). Parece ser uma sequência razoável, porque, antes de aplicar o “perfume” valioso, a mulher torna os pés de Jesus mais receptíveis ao unguento.

No Evangelho segundo João, Maria, após ter “caído aos pés” de Jesus uma primeira vez por lamentar a morte do irmão (Jo 11,32), dirige-se outra vez aos “pés” dele para perfumá-los (Jo 11,2; 12,3). Ou seja, sem notícia sobre nenhuma ação preparatória, ela “toma uma libra de perfume de nardo, puro e muito caro, e unta os pés de Jesus” (v. 3a). Mais ainda, contrariamente a uma sequência mais plausível, “enxuga os pés de Jesus com seus cabelos” após a untura (v. 3b).

Os pés, assim como as demais partes do corpo, assumem, dentro da reflexão antropológico-teológica do antigo Israel, determinada representatividade simbólica. Maria, ao “untar os pés de Jesus, se dirige a uma parte inferior do corpo, visto como menos preciosa”.<sup>12</sup> Facilmente os pés ficam sujos. Por mais que a pessoa “tenha se banhado”, existe, após pouco tempo, novamente “a necessidade de lavar os pés” (Jo 13,10). Lavar os pés de alguém, por sua vez, é um serviço que exige curvar-se, pressupondo-se humildade. Justamente por isso, Pedro não quer permitir que Jesus lhe “lave os pés” (Jo 13,5-6.8). Contudo, é exatamente essa a postura que o “senhor e mestre” indica a seus discípulos (Jo 13,14).

Considerando especialmente a cena de lava-pés (Jo 13,1-20), o quarto Evangelho destaca Maria como discípula. Ao “untar os pés” de Jesus com grande quantidade de “perfume de nardo”, ela realiza um gesto semelhante ao da “lavagem dos pés dos discípulos” por Jesus (Jo 13,5). Enquanto Jesus “enxuga os pés dos discípulos com uma toalha” (Jo 13,5), Maria “enxuga os pés” de Jesus “com seus cabelos” (Jo 11,2; 12,3). Somente os dois “enxugam os pés” de alguém (Jo 13,5). Assim, ambos entram, misteriosamente, em comunhão, sendo que Maria já cumpre o mandamento de Jesus, dado aos discípulos na cena do lava-pés (Jo 13,14-15).

## Os cabelos de Maria

No antigo Israel, o “cabelo” é expressão de vitalidade e beleza.<sup>13</sup> Por crescerem ainda após a morte, os cabelos se tornam símbolo da vida. Mais ainda, a cabeleira, seja de homem seja de mulher, sempre atrai o olhar para a aparência da pessoa, como no caso dos cabelos “ruivos” de Davi (1Sm 16,12). Igualmente, a beleza da amada no Cântico dos Cânticos ganha destaque graças a seu “cabelo”, sendo

<sup>12</sup> Joachim KÜGLER. *Die Macht der Nase*, p. 169.

<sup>13</sup> Cf. Silvia SCHROER; Thomas STAUBLI. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 126-133.

que este é como “um rebanho de cabritos que saltam do monte de Galaad” (Ct 4,1; 6,5). Facilmente se imagina o movimento gracioso dos cachos ou a cor da cabeleira.

Com isso, pressupondo que o quarto Evangelho realmente pense “no simbolismo do amor expresso no Cântico dos Cânticos, o dicionário do amor no livro da vida”, Maria assemelha-se outra vez à amada.<sup>14</sup> Ela se aproxima de seu amado não somente com o “perfume de nardo” mas também com “seus cabelos”, “enxugando” com eles os “pés” de Jesus (v. 3c; Jo 11,2).

Outra frase do Cântico dos Cânticos ainda chama a atenção do ouvinte-leitor em relação à ação de Maria. Quando o amado descreve o cabelo da amada pela terceira vez, ele termina seu discurso poético com a afirmação de que “há um rei preso nas tranças” dela (Ct 7,6). De certa forma, a intenção de Maria em relação a Jesus talvez seja essa mesma. Ao passar, pois, parte do “perfume de nardo” dos “pés” de Jesus para “seus cabelos”, os dois ficam ligados um ao outro através do mesmo cheiro. Resta saber quais são as conotações simbólico-teológicas desse “odor” provocado pelo “perfume”.

## O odor do perfume

Não somente Jesus e Maria estão em comunhão através do “nardo”, mas “a casa ficou repleta do odor do perfume” (v. 3d). De fato, a quantia de “nardo” usada para a “untura dos pés” de Jesus, sendo que o “perfume” está agora também nos “cabelos” de Maria, foi enorme. Onde, por sua vez, está o sentido de tudo isso?

Existem cheiros agradáveis e não agradáveis. O “mau cheiro”, como também a presença dos “pés”, tem a ver, no Evangelho segundo João, com a morte. Ao se lembrar, pois, de que já fazia “quatro dias” que Lázaro havia falecido, Marta diz, diante da ordem de Jesus para

“retirar a pedra colocada à entrada do sepulcro”, que seu irmão “já cheira mal” (Jo 11,39). Depois, ao contemplar Lázaro enquanto “sai” do túmulo, o quarto Evangelho menciona, além de suas “mãos”, os “pés enfaixados com ataduras” (Jo 11,44). Também no túmulo vazio de Jesus, “um anjo está sentado onde estavam os pés dele, enquanto seu corpo jazia ali” (Jo 20,12).

Outro detalhe cria, de forma mais direta, uma ligação entre a ação de Maria e a morte de quem é untado por ela. Conforme as palavras de Jesus, pois, Maria “unta os pés dele com perfume de nardo” porque ela o teria “guardado” para “o dia da preparação de seu corpo para o sepultamento” (Jo 12,7). Assim, Jesus “recupera a ação (e sua protagonista), associando-a à sua pessoa”.<sup>15</sup> Mais tarde, também Nicodemos e José de Arimateia irão usar “bálsamos de mirra e aloés”, a fim de agirem com Jesus conforme “o costume de sepultar dos judeus” (Jo 19,39-40). Diante disso fica claro que “o odor do perfume”, que encheu “a casa” quando Maria “untou os pés” de seu amado (Jo 11,5), por mais que tenha sido agradável, representa a morte de Jesus.

Contudo, é importante observar a reflexão teológica que tanto caracteriza o Evangelho segundo João. Justamente “em sua morte, Jesus se revela como rei e salvador”; sua “morte na cruz e dignidade real estão intimamente entrelaçadas” e “a morte de Jesus” se encontra “diretamente ligada à ressurreição”, sendo que sua morte já precisa ser “interpretada como obra divina de poder”.<sup>16</sup> Assim, o “odor do perfume” (v. 3d) representa, por excelência, o ressuscitado. Aliás, no “contexto greco-romano e judaico, o odor de qualquer embalsamento para um sepultamento era compreendido como uma indicação da vida para além da morte”.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> José Tolentino MENDONÇA. *A construção de Jesus*. Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 54.

<sup>16</sup> Joachim KÜGLER. *Die Macht der Nase*, p. 162.

<sup>17</sup> Joachim KÜGLER. *Die Macht der Nase*, p. 163.

<sup>14</sup> Johan KONINGS. *Evangelho segundo João*. Amor e fidelidade. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 2000, p. 266.

Portanto, Maria, ao “enxugar os pés” de Jesus, passando o “perfume de nardo” para “seu cabelo”, associa o crucificado e ressuscitado a si. Seu protagonismo se torna modelo de discipulado, a fim de que a “casa” ou a comunidade inteira assuma tal “odor” agradável.

### Considerações finais

O estudo de Jo 12,3 aqui apresentado mostra como, ao que é narrado no primeiro nível – a untura dos pés de Jesus por Maria –, é sobreposta uma ampla reflexão simbólico-teológica. Justamente assim, uma sequência de ações inicialmente não plausível ganha sentidos amplos e profundos.

Ao usar “uma libra de nardo genuíno e muito caro”, Maria destaca que Jesus não tem preço. Ao “untar os pés” do outro e “enxugar-los”, Maria assume o discipulado indicado por Jesus. Ao passar algo do “perfume” dos “pés de Jesus” para “seu cabelo”, Maria entra em comunhão com o Senhor morto, sepultado e ressuscitado. Trata-se, primeiramente, do “odor do conhecimento” (2Cor 2,14), ou seja, do “cheiro agradável de Cristo” (2Cor 2,15), o qual “para uns é um odor de morte para a morte” e, “para outros, um odor de vida para a vida” (2Cor 2,16). Todavia, ao fazer com que “a casa ficasse repleta com o odor do perfume”, Maria anuncia Jesus aos outros.

Enfim, o caminho de associar-se a Jesus é intrinsecamente ligado ao gesto que insiste no carinho e, dessa forma, no bem-estar do outro, por excelência daquele que é injustiçado e perseguido por ser e/ou insistir na verdade. Também os filipenses souberam tornar-se um “odor de cheiro bom” e “agradável a Deus” para o apóstolo Paulo, quando lhe enviavam as necessárias ajudas materiais (Fl 4,18). Ou seja, trata-se da tarefa de “viver no amor como Cristo amou”, justamente quando “deu sua vida como oferta e sacrifício de odor que tem cheiro bom” (Ef 5,2).

Maria, irmã de Lázaro e Marta, é a primeira que, no Evangelho segundo João, assume esse tipo de discipulado indicado e favorecido por Jesus. Assim, ela se tornou exemplo perene para todos os

ouvintes-leitores que, posteriormente, iriam acolher esse escrito bíblico em suas vidas.

### Referências bibliográficas

- BEUTLER, Johannes. *Das Johannesevangelium*. Kommentar. Freiburg: Herder, 2013.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo, Paulus, 2011.
- CALDUCH-Benages, Nuria. *El perfume del Evangelio*. Jesús se encuentra con las mujeres. Estella (Navarra), España: Verbo Divino, 2010.
- INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT TEXTUAL RESEARCH. *The Greek New Testament*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.
- GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. O rompimento do frasco (Mc 14,3). In: *Revista de Cultura Teológica*, n. 86, p. 279-290, 2015.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Amor e fidelidade. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 2000. Coleção: Comentário Bíblico.
- KÜGLER, Joachim (Org.). *Die Macht der Nase*. Zur religiösen Bedeutung des Duftes. Religionsgeschichte – Bibel – Liturgie. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2000. Coleção: Stuttgarter Bibelstudien, 187.
- LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MALZONI, Cláudio Vianney. Jesus em Betânia (Mc 14,3-9). Um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão. São Paulo: Paulinas, 2010. Coleção: Exegese.
- MENDONÇA, José Tolentino. *A construção de Jesus*. Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- SCHENKE, Ludger. *Das Markusevangelium*. Literarische Eigenart – Text und Kommentierung. Stuttgart: Kohlhammer, 2005.
- SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003. Coleção: Bíblia e História.
- ZOHARY, Michael. *Pflanzen in der Bibel*. Stuttgart: Calwer, 21986.